

NESTE CASO EU ME CASO  
ou  
OS ESTUDANTES DO RECIFE

Comedia ornada de couplets, n'um acto.

Original de  
JOAQUIM ANGELICO BESSONI DE ALMEIDA.

Representada pela primeira vez no Theatro de Santa Isabel,  
em 27 de novembro de 1861

(A musica é do distincto professor F. L. Colás.)

RECIFE  
Typographia Universal  
Rua do Imperador n. 52  
1862.

AO SYMPATHICO ACTOR  
*FRANCISCO CORRÊA VASQUES*

Offerece

*O autor.*

TRES PALAVRAS.

Esta comedia, representada no dia 27 de novembro de 1861, em beneficio dos actores Leite de Azevedo e Santa Rosa, no Theatro de Santa Isabel, ahi foi benignamente acolhida, e seu obscuro autor chamado á scena, onde recebeu as mais lisongeiras provas de animação de um publico benevolo e protector.

Eil-a que vae agora correr mundo, a pobre — NESTE CASO EU ME CASO, — abrigada ao nome de um artista conhecido.

A despretenciosa pouco aspira, porque pouco vale, si é que vale alguma cousa!

Recife, março de 1862.

*Bessoni.*

PERSONAGENS:

ACTORES:

ALBERTO, quinto-annista da Faculdade de Direito do Recife .....	Os Srs. Valle.
ANGELO, calouro .....	Vicente.
MIGUEL, cascabulho .....	Teixeira.
JORGE, cascabulho .....	Campos.
SERAFIM, cascabulho .....	Leite.
JOÃO MANOEL, lavrador .....	Nunes
PROCOPIO, sargento da Guarda Nacional do mato	Raymundo
BARNABÉ, sapateiro .....	Santa Rosa
Diversos estudantes.	

Lugar da acção — Recife  
Epocha — actualidade.

NESTE CASO EU ME CASO  
ou  
OS ESTUDANTES DO RECIFE

Comedia n'um acto.

ACTO UNICO

(Sala pessimamente mobilada em casa de estudantes. Janella e porta de entrada, ao F.; lateraes que dam para quartos. Cadeiras; uma mesa, sobre ella garrafas servindo de castiçaes. Alberto e Angelo dormem; este n'uma cama, á D., aquelle sentado junto á mesa, á E. Livros, roupa e jornaes espalhados pelas cadeiras e mesa. — Completo desleixo estudantescio. — Ao levantar do panno ouve-se um tiro de peça; Angelo salta da cama.)

## SCENA I

## ANGELO E ALBERTO

ANGELO. — Hein! Que é la isso? (*indo ao F., e observando*) Ah! o paquete inglez que fundeou. Malditos *bifes*, que me vieram interromper no melhor do somno! Sonhava ouvir a perigosa Beltramini neste interessante pedacinho: (*canta*)

Gran Dio! — morir si giovane,

Io che penato ho tanto! —

(*limpando os olhos com a manga da camisa*) Maldita sensibilidade! (*sôam sete horas*) Sete horas! E eu que tenho hoje *sabbatina!* (*á E.*) Faustino! *Monsieur Faustin!* Ah! agora me recordo que deixou-nos hontem! Foi-se! E agora quem fará o almoço! Safa! E eu que inda me não pude acostumar ao jejum! (*olhando para a E.*) Os *cascabulhos* inda dormem! Vou acordal-os. (*vendo Alberto*) Não, primeirø este *bacharel.* (*abalando-o*) Acorda, Alberto.

ALBERTO (*depois de bocejar, e espreguiçar-se*). — Que horas deram?

ANGELO. — Sete.

ALBERTO. — Está prompto o almoço?

ANGELO. — Para apromptal-o te vim eu acordar!

ALBERTO. — Como! Eu é que hei-de fazer o almoço!

ANGELO. — Porque não, si tens tanta habilidade para a cosinha!

ALBERTO. — Obrigado pelo elogio; não me serve a occupação! Onde estam Jorge e Miguel? Algum delles

que se encarregue de cosinhar, não ha remedio; deixaste sair o Faustino!

ANGELO. — Para fallar a verdade, eu não sei se o deixei sair, ou si elle me deixou ficar; o certo é que elle foi-se, e eu fiquei-me.

ALBERTO. — O certo é que hoje não almoçamos!

ANGELO. — O tractante, além de nos deixar sem cosinheiro, apresentou-me, ao sair, o papel de contracto, exigindo prompto pagamento! Adiei-o, como é de costume; para quando, é que eu não sei! Mais um credor no numero dos antigos!... mais um vil perseguidor da minha exausta algibeira!... mais uma victima do inevitavel *calote!* (*pegando na mão de Alberto*) Alberto, eu sou muito infeliz... (*choramingando*) Sou muito desgraçado!

ALBERTO. (*sorrindo*). — Que é isto?... enlouqueceste?

ANGELO. — Quando morrer hei-de ter milhares de credores a maldizer-me... oh! eu morrerei primeiro do que elles!

ALBERTO. — Já pensas em morrer... tão cedo?...

ANGELO. — Peço-te, que si és meu amigo, mandes tocar no meu funeral uma peça lugubre... triste... tristissima, para commover os corações dos credores, e dessa forma impedil-os de exigir dinheiro de minha pobre familia. (*n'um grande berreiro*) Oh! como sou desgraçado!.

ALBERTO. — Não creio; sempre risonho, sempre a cantar!

ANGELO. — Cantar? sim; hei-de morrer cantando!

ALBERTO. — (*rindo*). — Como *cysne*?

ANGELO. — (*solemne*). — Não, como gallo!

ALBERTO. — Mas dizes que és infeliz... porque me não contas as tuas maguas? Devo merecer-te alguma confiança; sou teu amigo sincero, e...

ANGELO. — E meu protector desvelado, sei; mas para que revelar-t'as, si é um martyrio recordal-as, si não podes minoral-as?

ALBERTO. — Talvez. (*rumor dentro. Vozes: É minha! Não é! É! Não é!*)

## SCENA II

Os mesmos, JORGE e MIGUEL, (*que veem seguros um no outro, com as botas nas mãos*).

ANGELO (*rindo*). — Que é isso, *cascabulhos*? Brigam pelas botas?

JORGE. — (*despeitado*). — Quer trocar-m'as á força!

MIGUEL. — (*o mesmo*). Está enganado; vossê é que m'as quer trocar; foi o primeiro...

JORGE. — Não ha tal!

MIGUEL. — Não me desminta!

JORGE. — Vossê sempre é homem, que não paga o que deve!

MIGUEL. — E vossê é um jogador!

JORGE. — Veja quando quer pagar ao *Dudú da Boa-fama!*

MIGUEL. — Veja quando deixa de ir á rua do Principe jogar o *laschinet!*

JORGE. — *Petit-maitre!*

MIGUEL. — *Dandys! (vam a brigar)*

ALBERTO (*agarrando Jorge*). — Está protegido!

ANGELO (*agarrando Miguel*). — Idem!

MIGUEL. — Mas elle...

JORGE. — Pois elle...

ALBERTO (*a Jorge*). — Silencio, *cascabulho!*

ANGELO. — (*a Miguel*). — Silencio, *futrica!*

MIGUEL (*a Angelo*). — *Futrica* será elle, *seu calouro!*

ALBERTO (*protegendo Angelo*). — Está protegido! (*pausa*) Deixem-se disso, rapazes; não admitto que entre estudantes... entre collegas haja desharmonia! (*tomando o braço de Jorge*) Anda cá, pedante, tenho que dizer-te. (*vam para a E.*)

## SCENA III

## ANGELO E MIGUEL

MIGUEL (*acompanhando Jorge com a vista*). — Vae, pelintra; vae, pedaço d'um camelo... patife! (*Angelo senta-se a escrever*) Vae filante! (*a Angelo*) Que estais escrevendo ali?

ANGELO. — Uma apaixonada poesia offerecida á fascinadora Clothilde. Vi-a inda hontem no theatro, tão formosa, tão divina... (*aproveitando o pensamento, e escrevendo*) Tão formosa... tão divina...

MIGUEL. — (*concluindo o verso*). — Que é a tua *sabbatina!*

ANGELO. — (*levantando-se desapontado*). — Ai! que nem me lembrava! Fatal *sabbatina!* (*n'outro tom*) Porém si a visses, Miguel!

MIGUEL. — A *sabbatina*? Já estou cansado de vê-la!

ANGELO. — Nada, não; — A encantadora Clo-  
[thilde,  
A quem eu adoro  
[humilde!

MIGUEL (*comicamente*). — Não te humilhes a uma mulher, Angelo; não te humilhes!

ANGELO. — (*sentando-se a escrever*) — Tão formosa, tão divina... tão divina... (*mão na fronte*) Ingrata musa! — Não posso! (*deixando cair a penna*) Eu enloqueço!

MIGUEL. — Animo, calouro! (*tira do bolso um cigarro, acende, e offerece-o a Angelo que, como que machinalmente, recebe-o*) Avante!

ANGELO. — (*tomando uma grande fumaça*). — Tens razão. (*com emphase*) *Away! Away!* — como dizia Byron!

MIGUEL. — (*batendo-lhe meigamente no hombro*). — Já fizeste a poesia que te pedi?

ANGELO. — Si eu mal faço para mim...

MIGUEL. — Faze-m'a, que quero publical-a. Quero confundir essa maldita turba de insensatos que por ahí me desacreditam. Sim! (*fanatico*) Hei de vingar-me desses criticos ignorantes que pensam que a litteratura é... é... nem eu sei o que! E a minha vingança será completa, quando, com a ajuda tua, e de mais alguns sinceros amigos, eu poder publicar um grosso volume de poesias nitidamente impressas com um estrondoso juizo critico, ainda que de encommenda! Então direi como Bocage:

Zoilos! estremecei, rugí, mordei-vos!...

Por agora basta-me uma poesia, a qual pretendo offerecer á poetica *Juliasinha*. Como é linda! — Testa espaçosa, onde se adivinha a mais robusta intelligencia; olhos vivos... luminosos... mais brilhantes que dous bicos de gaz; nariz á chinesa; bocca delicada, cujos labios estam vertendo *rubro* sangue; collo de fada... emfim é um portento aquelle todo!

ANGELO. — Eu o creio.

MIGUEL (*canta*).

#### COUPLET.

Uma menina mais *pimpa*...  
Mais *chique*, não pode haver;  
Namorci-me de seu rosto,  
— 'Stou prestes a enlouquecer!

ANGELO (*o mesmo*)

Para inspirar de tal forma  
Um amor tão verdadeiro,  
É necessário que a *bicha*  
Tenha bastante dinheiro!

Ella o tem, não negues; sim?

MIGUEL (*o mesmo*)

Não o tem, não nego, não  
Eu amo sem interesse!

ANGELO (*o mesmo*)

Louco, perdeste a razão?

MIGUEL. — Angelo, admira-me o partilhares de tão vis sentimentos. O que te ouvi dizer leva-me a acreditar que o teu coração interesseiro não sabe comprehender o amor!

ANGELO. — Pelo contrario. Eu amo, e muito; mas quando a donzella é pobre, o amor vive e morre no meu peito, do mesmo tamanho que nasceu; ao passo que, quando ella é rica, o meu amor cresce... cresce tanto, que não cabendo mais no coração passa para a barriga!

MIGUEL (*admirado*). — Com effeito!

ANGELO. — Ouve: (*canta*)

COUPLET.

Tenho mais amor no peito,  
Que cabello na cabeça  
Eu a moça não engeito,  
Amo á quanta me appareça!

La porque tem um defeito,  
Deixe a *pechincha* ir-se embora!...  
— Deos me livre! Não tem geito!  
— Eu amo muito á senhora!

É cega d'um ollho? Bem!  
— Eu e ella pouco vemos! —  
Eu sou myope tambem,  
É bom que nos ajuntemos!

Si tem cousa que nos renda,  
Tendo um olho vê de mais,  
Porque em quanto houver *merenda*  
Não tem *fastio* o rapaz!

MIGUEL (*com horror*). — Dizes tu o que sentes?

ANGELO (*rindo*). — Digo... (*emendando-se*)  
Não creias, é falso!

MIGUEL (*satisfeito*). — Obrigado. Bem me queria parecer que Angelo... o meu amigo Angelo, que apesar de pelintra sempre foi sincero, que apesar de estroina sempre teve bom coração, fosse capaz de tanta infamia! Foi uma brincadeira!?

ANGELO. — E brincadeira que jamais quererei que se reproduza. E si eu adivinhasse que te entristecia... Olha, para te ver alegre eu sou capaz de passar dous dias... dous dias não, que não era possível; mas sou capaz de passar um dia sem almoço! Vê lá que sacrificio!

MIGUEL. — Agradecido.

ANGELO. — Foi uma brincadeira; tens razão. E para t'o provar vou recitar-te uma poesia... (*indo á mesa*)

MIGUEL. — (*impedindo-o*). Mas vê que sam horas d'aula!

ANGELO. — É verdade! Vou vestir-me. (*voltando*)  
Mas eu inda não almocei.

MIGUEL. — Nem almoçarás; a culpa é tua; (*partindo*)

ANGELO. — Ouve ao menos um verso.

MIGUEL. — Nada! (*vae-se*)

SCENA IV

ANGELO (*só*).

Sam horas de ir para a aula, e eu nem sei onde é a lição, ou por outra — onde é a *sabbatina*! O que será hoje de ti, pobre *calouro*! (*canta*)

## COUPLET.

Leve o diabo a invenção  
Da maldita *sabbatina*,  
Que faz o pobre estudante  
Maldizer de sua sina!

O que a *revista de mostra*  
É para o pobre soldado,  
É a cruel *sabbatina*  
Para o estudante; — coitado!

Fatal *sabbatina!* Ella, sempre ella! (*sentando-se*)  
Estou aniquilado! Nem animo tenho de ir até a porta  
da aula saber... (*erguendo-se de subito*) Ali é a acad-  
emia; lá vejo os estudantes agglomerarem-se na porta  
d'uma aula... aquella é a minha aula! Como estão pal-  
lidos! Mas... que escuto! — Ia o bedel fez soar uma  
badalada no funebre sino! — É o quarto! Oh! parece  
que o impiedoso bedel arremessou com o pesadissimo  
badalo sobre o meu palpitante coração! Insensato! (*cre-  
scendo em emphase*) Grande Deos! — La entram todos  
para a aula; eu também vou... esperem... Porem...  
que voz é aquella, tão respeitavel e benigna, mas que  
me faz tremer tanto? Ah! é a voz do meu lente. —  
Numero... numero 23! (*tremulo*) Ai! ai! matou-me!  
(*recobrando valor*) *Pas encore!* (*imitando o estampido  
de um tiro*) *Pei!* — Matei! — Dei um tiro! — um tiro  
no lente! — (*mudando inteiramente de tom, natural-  
mente*) Não trouxe lição! — Que olhar que me lança!  
Que sussurro que ferve n'aula! Estou perdido! ( *fingindo  
uma tosse secca*) Vossa senhoria queira desculpar...  
mas é que eu... sim, senhor... eu... eu fui acommetido  
d'um gravissimo incommodo... d'uma terrível enfermi-  
dade que... que me amarrotou, e que... sim, senhor...  
e que me privou de estudar! Agora! — Elle folhêa a

*caderneta;* — elle me attende!... Oh! estou salvo!  
(*muitissimo alliviado*) Safa! *Oh sospirata mia felicità!*

## SCENA V

ANGELO. — ALBERTO, JORGE e MIGUEL, (*com  
os livros em baixo do braço, fumando*).

ALBERTO (*a Angelo*). — Vamos.

JORGE (*o mesmo*). Sigamos.

MIGUEL (*o mesmo*). Partamos.

ANGELO (*abatido, fitando-os*). — Ai! que sam  
os meus algozes! Para onde me querem conduzir? para  
o cadafalso?

ALBERTO. — Para a academia, que é mais perto.

ANGELO. — Sem almoço é horrivel (*procurando*)  
Onde estará minha gravata? (*vendo-a*) Ei-la aqui. (*bo-  
tando-a*).

MIGUEL. — Acaba com isto!

ANGELO. — Vamos (*vam até a porta*) Ah! (*olhan-  
do para os pés*) Já ia esquecendo as botas; (*volta a pro-  
curar-as*).

JORGE. — Anda depressa, homem!

ANGELO. — (*calçando as botas*) — Já estou an-  
dando! (*vam a sair*) Ah! E os meus livros? (*volta*)

ALBERTO (*saindo*). — A demora é muita; adeus!

JORGE (*o mesmo*). — Eu sigo a regra!

ANGELO (*procurando os livros*). — Esperem, so-  
fregos!

MIGUEL (*saindo*). — Eu sigo o exemplo!

## SCENA VI

ANGELO (*só*).

ANGELO (*indo á porta*). — Foram-se! (*volta*) Malditos livros! Onde os encontrarei? Teriam-me feito a peça de... (*lembrando-se*) Ah! agora me recordo!... Um tractante aconselhou-me que botasse os livros em baixo do travesseiro, afiançando que assim eu aprenderia a lição! Qual historia! Si eu a não estudo, como hei de aprendel-a? (*tira os livros de baixo do travesseiro, bota-os em baixo do braço*) Não ha remedio; vamos para o supplicio!... (*encaminhando-se, com passo tremulo, para a porta*) Mas, em jejum... em jejum... (*batem á porta*) Hein! (*afastando-se*) Querem ver que é o credor Faustino?! O este insensivel vir agora pedir-me dinheiro seria matar-me! (*apalpando as algibeiras*) Dinheiro! (*batem de novo*) Não respondo, não senhor. (*olhando para a porta*) É capaz de entrar sem que eu o mande! E esta! *Per bacco*, que estou visivelmente atrapalhado! (*percorrendo a scena*) Que farei? Ah! Que idéa! Vou deitar-me; inda que entre, pensa que durmo, e vae-se. (*despindo o palitot*) E vou dormir acordado, e... sem querer! (*batem com força*) Bate á tua vontade, tractante! (*deita-se*)

PROCOPIO (*fora*). — Oh cambada de brutos, vejam que sou outhuridade!

ANGELO (*assustado, sentando-se na cama*). — O que? Authoridade?! virá prender-me? (*deitando-se*) Estou arranjado!

## SCENA VII

Os mesmos, e PROCOPIO (*uniformisado*).

PROCOPIO (*procurando*). — Onde estam os brutos desta estivaría?

ANGELO (*á parte*). — Bruto és tu, camelo!

PROCOPIO (*virando-se*). — Hein! (*Angelo ronca*) Quem me chama? (*percorrendo a scena com os olhos*) Não vejo ninguém! (*reparando em Angelo*) Ca está um bôbo (*abalando-o*) Doctor, oh doctor! (*Angelo espirra*) Dorme como um porco! (*senta-se*)

ANGELO (*á parte*). — Sem mais aquella!...

PROCOPIO. — Como estou estafado! (*cruza as pernas*)

ANGELO (*á parte*). — Este animal, ou vem por parte de algum meu credor, ou é um dos ditos de meu pae!

PROCOPIO. — Como está galante este *Rucife*!

Agora já se pode *vim* a elle Bem diz o meu *compade Totonho das Viollas*: *De vagar se vae ao longe!* Cada dia vae augmentando a fama; finalmente introduziram o gaz pelas paredes, que, segundo me consta, é mais claro que o dia! Não que eu o quizesse la no meu *Brejo*; — dizem os *doctores medicos* que concorre para as molestias do peito... a *trisica*. — Com tudo sempre é *porguesso!* E as estradas de ferro?! — Nisto então não se falla!... Já não é como diz o meu *compade Totonho das Viollas*, é como diz o meu *compade Chico Rabuge*: *De pressa se vae ao longe!* Isto é; não eu que ande nas *sobreditas mencionadas* estradas! — Disse-me o *Ze Anastacio*, que é bastante um pedacinho de tijolo *maciço* para *derrubar* e matar um *putici* de gente. Safa! La não pegam *Procopio das Dores do Amor Divino!* *Mais antes* quero andar noite e dia no meu quartão *lazão* do que metter-me em tal *arapuca!*

ANGELO (*á parte*). — Que massante! — Não pode deixar de ser credor!

PROCOPIO. — Com tudo, vae em bom caminho!

D'aqui a dous dias hade metter inveja ás mais *fermosas freguezias das Europias!* Temos de admirar outras cousas; por *inzebro*: as ricas egrejas, os *hispritaes*, os collegios, os arsenaes, as *alfanguedas*, os *triatos*... os *triatos!* Isto sim, — faz cair o queixo! Como é galante ver aquelles *comios* fazendo *valentias!* Aqui está eu, que vi um *home*, sem mais nem mais, pôr-se de quatro pés, de *papo p'ra riba*, mandar collocar sobre o *cujo papo* uma pedra do peso de algumas vinte arrobas, e mandar quatro *bichos* baterem com ferros, até fazel-a em fariinha. Oh! que *Sansão moderno* era elle!

ANGELO (*á parte*) — Desalmado credor! Si demora-se mais, *acordo!*

PROCOPIO. — Vi *ódepois* um outro *comio* dar saltos mortaes, outro dançar com sapatos de *páu* na corda de *embira*, outro aparar bolas de bronze no *toitiço*; vi outro com juntas molles *quinem* sabão, fazendo mil *estripulias*, outro fazendo *magicaturas endiabradas*, *ódepois* vi... (*canta*)

COUPLET.

Muita cousa *infilcutosa*  
Tenho eu *aperciado*  
Quando d'alguma me *alembro*  
Fico todo *arripilhado!*

Mas, o tempo é de *arripilhos*,  
Por isso ando *arripilhado*;  
*Nanja* que seja por mêdo,  
Que eu ca sou — *cabra damnado!*

ANGELO (*á parte*). — Canta *soffrivel!*

PROCOPIO. — A *preposito* de *arripilhos*, tenho feito tremer muita gente com esta *bôneta* e esta *garnadêra!* (*olhando para Angelo*) Oh que galante *idéa!*

ANGELO (*á parte*). — O que?

PROCOPIO. — Vou acordar aquelle *dorminhôco* ao som desta *garnadêra!* (*em quanto carrega a espingarda, Angelo encaixa apressadamente a barretina, que tem estado em cima da cadeira, no travesseiro, e collocando-o em pe, em cima da cama, raspa-se pela D.; Procopio vae para fazer pontaria, e assusta-se*)

PROCOPIO. — O que é isto? Nunca vi um sargento servindo de *trabiceiro!* Onde está este *esternego?* Foi-se? — Pois eu também *voava*, que não quero ser agarrado como ladrão! *Tibe!* no *chelindró* nem p'ra comer *tanajura com farinha!* (*vae-se pelo F.*)

SCENA VIII

ANGELO (*só, depois de espreitar á porta do F.*)

Ah! ah! ah! Corre como um veado o tal sargento! La voltou a esquina! (*feixando a porta*) Bôa viagem, amigo! (*desce a scena*) Mas o que pretendaria aquelle diabo comigo? É o que eu digo: ou é um dos credores de meu pac, ou procurador d'algum dos meus! Porem elle não fallou em dinheiro! só si... ora, que o leve o diabo! Que insipido que tem sido este dia para mim! — Jejei, levei *ponto* na academia, dormi mais do que costume, e sem querer... em fim... (*mão no estomago*) Ai! que debilidade! Si ao menos inda aqui estivesse o Faustino, mandava-o vender alguns livros á Livraria Popular... mas qual! O patife abandonou-me no momento mais critico de minha vida! (*declamando*)

Oh *maledetto* Faustino!

Tyranno! monstro! assassino!

(*mão no estomago*) Jesus! Si eu ja não devesse dous mil reis ao Antonio Domingues, excellente occasião de dar-

lhe uma *facada!* Mas eu devo... eu devo! — Antehontem, (*inda me lembro*) por um fatal esquecimento passei-lhe pela porta! “Quando tiver portador seguro — gritou elle — não se esqueça! “Não me esqueço, — disse eu visivelmente desorientado, e ja voltando a esquina! (*com força*) Oh credores! (*mudando de inflexão*) E lembrar-me eu que estou em jejum, em quanto que meu pae, á esta hora está mastigando bons pedaços de queijo assado! Isto é horrivel! — Oh meu pae, por que me não mandas um queijo?! (*mão no estomago*) Sou muito desgraçado! (*canta*)

## COUPLET.

Tenho fome... o meu estomago  
 Não gosta de jejuar,  
 E eu vou, por consequencia,  
 Procurar onde almoçar;  
 Seja, embora, necessario  
 Mais um *callote* passar!

(*batem á porta*) Parece-me que ouvi bater! (*assustado*)

ALBERTO (*fora*). — Abre, Angelo.

ANGELO (*indo abrir a porta*). — E eu a julgar que era algum credor... de dinheiro!... Este é credor, mas é da minha amizade!

## SCENA IX

## ANGELO E ALBERTO

ALBERTO (*entrando*). — Muita novidade, meu Angelo; muita novidade!

ANGELO. — Vamos com ella.

ALBERTO. — Em primeiro lugar, sabe que não houve aula.

ANGELO (*alegre*). — Que ventura!

ALBERTO. — (*á parte*). — Esta noticia não lhe foi desagradavel, não; mas a outra... (*alto*) Em segundo lugar, sabe que teu pae prepara-se para vir lançar-te a benção.

ANGELO (*triste*). — Que desgraça! (*fica meditando*)

ALBERTO (*á parte*). — Esta não lhe podia agradar, por certo! (*alto*) Que é isto? Ficaste triste e meditando por saber que teu pae...

ANGELO. — Pudera não! Desconfio que temos por ahi pancadaria velha! Pois aquelle meu pae não me podia abençoar de longe? Estou sufficientemente arranjado!

ALBERTO. — É verdade! Teu pae foi sabedor de todas as tuas extravagancias, segundo me asseverou o mestre Vicente, que de la veiu. Ainda mais, affiançaram-lhe que tu *inda* eras *cascabulho* compromettendo desta forma as tuas innocentes costellas!

ANGELO (*ameaçador*). — Oh calunnia aviltante! Mas isto... isto revolta... é horrivel!... E meu pae acreditou-o sem duvida?!

ALBERTO. — Por que não, si lhe affiançaram? — Os paes sam tão credulos!... (*olhando para Angelo, que tem ficado a pensar*) Outra vez a scismar, homem! Insipida mania! Mas é incrivel! Tu que sempre encaste o perigo com tanto sangue frio!

ANGELO. — A cousa, agora, muda de figura; não é comigo, é com as minhas costellas! Eu prevejo o que, necessariamente, tem de succeder. Meu pae é muito suffo-

cado, tu o sabes; sem mais preambulos, entra aqui, armado do seu inseparavel chicote, agarra-me pela gola, e suspendendo-me as garantias, vac-me ás do cabo, com a sem-ceremonia d'um pae!

ALBERTO. — E si eu, intercedendo por ti, pedir-lhe que me attenda?

ANGELO. — Não te attenderá. É um excellente homem; mas quando não está zangado! Muita vez o tenho visto chorar, arrependido do que praticou cinco minutos antes, infelizmente quando ja não é tempo de salvar as costellas. (*n'um grande berreiro*) Ai! minhas pobres costellas!

ALBERTO (*meio reprehensivo*). — Angelo, sabes quanto é degradante esta tua vida?

ANGELO (*sensibilizado*). — Alberto, Angelo — o extravagante, o vadio, o calloteiro, o mau filho, — morreu; rezem-lhe pela alma! Este que aqui vês, é Angelo — o modêlo de integridade, graças aos teus preciosos conselhos. Estou completamente arrependido, e emendado!

ALBERTO. — Obrigado, muito obrigado. E protestas?...

ANGELO (*apertando-lhe a mão com força*). — Palavra de estudante! (*Vendo-o triste*) Mas... com mil *sabbatinas*! Viva o prazer! Estaes com vontade de chorar?

ALBERTO. — Eu também sou infeliz... muito infeliz!

ANGELO. — Infeliz?!

ALBERTO. — Imagina uma donzella ingenua... formosa... como os anjos!

ANGELO. — Estou imaginando.

ALBERTO. — Essa donzella amou-me, e foi amada por mim.

ANGELO. — É possível!

ALBERTO. — Apenas alcancei entrada em casa de seus paes que a estremeciam... de seus paes que depositavam em mim toda confiança...

ANGELO (*inquieta*). — Que fizeste?

ALBERTO (*custando-lhe a revelação*). — Aquella innocencia... aquella candura angelica... foram victimas da minha crueldade!

ANGELO (*vivamente*). — Ingrato!

ALBERTO. — Pouco depois deu á luz o fructo da minha imprudencia!

ANGELO (*tristemente*). — Desventurada! E depois?

ALBERTO. — Era crível que um crime dêsse logar a outro, — fugi. Abandonei-a; assim era necessario! Meu pae é rico e orgulhoso, não consentiria em que eu esposasse uma pobre filha do povo: nem mesmo eu me animei a revelar-lhe o meu crime! — Ver a minha victima infamada, sem poder rehabilital-a, era morrer todos os dias; — fugi! De então para ca um remorso vivo persegue-me desapiadadamente! (*dolorosamente*) Oh meu pae! meu pae!

ANGELO. — Fizeste mal em occultar-lhe tua culpa; será orgulhoso teu pae, mas em casos de honra o orgulho cede ao dever! Devias confessar-lhe tudo, e caindo de joelhos a seus pés, implorar-lhe a permissão de pagar uma divida, aliás muito sagrada! E quando elle em tal não consentisse... com trezentos mil bedeis! — eu, nas tuas circumstancias, casava, embora, contra a vontade de meu pae! Pois então?! (*caloroso*) Um pae que não res-

peita a honra é um pae cruel, *ac per consequens*, indigno das atenções e respeito d'um filho! A honra?! — *L'honneur c'est le plus beau trésor*, disse o poeta, — *c'est vrai!*

ALBERTO (*hesitando*). — Então julgas...

ANGELO. — Que deves c a s a r imediatamente. Tomára que chegue esse dia! — Musica, flores, *papança*... obrigado, obrigado pelo convite! Estou atualmente, muito misantropo, necessito de distrações. Deixa estar que não faço a menor cerimonia; — sento-me á mesa, como até empazinar o appetite, bebo meia garrafa de *champagne*, (*olhando expressivamente para Alberto*) só meia garrafa! Depois levanto-me, accendo um delicioso charuto bahiano, mando tocar a schottisch — *Germano*, agarro, com delicadesa, tua senhora, e danço até estafal-a, si tu me dás licença! Oh, que ditoso dia! Casa; (*mão no estomago*) casa, meu amigo!

ALBERTO (*resoluto*). — Caso.

ANGELO (*apertando-lhe a mão*). — Es um excelente homem, vejo. Agradeço em nome de tua futura, a tua inabalavel resolução.

ALBERTO. — Sempre é bom consultar meu pae; si concordar, bem; senão... que me perdõe, e viva a minha encantadora Roza!

ANGELO. — Ah! chama-se Roza? o nome não é prosaico; por minha fé, que não!

ALBERTO. — A proposito de prosaismo, não ha hoje almoço nesta casa?

ANGELO. — Nem esperanza de jantar!

ALBERTO. — E não tens fome?

ANGELO. — Depois de uma scena tão pathetica,

como a que teve lugar inda ha pouco, não admitto que appareça a fome!

ALBERTO. — Pois a mim *appareceu-me*, e vou ver si me *apparece* o correspondente!

ANGELO. — Eu ja esgotei todos os recursos!

ALBERTO. — Vê si te lembra alguma casa de pasto, botequim, ou cousa que valha, onde possamos comer fiado... Não é *callote*; amanhã eu pagarei. Ir agora ao Recife, procurar o correspondente é massada!

ANGELO (*reflectindo*). — Deixa ver si folheando o livro da memoria... Ah!

ALBERTO. — Lembraste?

ANGELO. — Vamos á casa de pasto da Castiana!

ALBERTO. — E tens certeza...

ANGELO (*dispondo-se a sair*). — Certeza mathematica. Á Castiana!

ALBERTO (*o mesmo*). — Á Castiana! (*cantam ambos*)

#### COUPLET.

Disposição  
De jejuar  
Não tenho, não;  
Vou almoçar.

Sou muito moço  
Quero viver  
Si não almoço  
Posso morrer!

Á Castiana! (*saem*).

## SCENA X

MIGUEL e JORGE (*entram abraçados e fumando*).

JORGE (*atirando com os livros em cima da mesa*).

— Isto não é vida que se suporte!

MIGUEL (*o mesmo*). — Estou cansado de viver! (*sentam-se; um na cama de Angelo, outro na cadeira junto á mesa*)

JORGE. — Até agora sem almoço!

MIGUEL. — E sem esperanças de almoçar!

JORGE. — (*tirando da algibeira um pão, e comendo*). — Por mim não, que não tenho fome.

MIGUEL. — Nem eu! (*olhando para Jorge*) Dá-me um pedaço de pão, Jorge.

JORGE. — Não tem manteiga!

MIGUEL. — Eu não gosto de pão com manteiga!

JORGE (*atirando-lhe um pedaço de pão*). — Está muito saboroso.

MIGUEL (*comendo*). — Não está mau, não. (*pauza*) Passando da barriga ás pernas, porque não foste hontem ao espectáculo?

JORGE. — Ora, porque... tu bem sabes porque! Estive de *ronda* na calçada da minha predilecta; eu ca sou *soldado prompto!*

MIGUEL. — Pois, por isso, deixaste de ir ao espectáculo? — Material!

JORGE. — Material? Aposto que, com o meu materialismo, aproveitei mais do que tu!

MIGUEL. — Duvido! Indo ao theatro ver o espec-

taculo, encontrei por acaso, D. Juliasinha; oh! como sou feliz!

JORGE. — Por que a viste?

MIGUEL. — Porque namorei-a.

JORGE (*incrédulo*). — Namoraste... no theatro?

MIGUEL. — E por que não? Actualmente namora-se até na egreja!

JORGE. — Na egreja?! Não eu, que namore!

MIGUEL. (*levantando-se*) — Pois sim; mas vamos ao teu aproveitamento.

JORGE (*o mesmo*). — *Primo loco*, recebi uma cartinha cheirosa, *secundo loco*, um lencinho bordado.

MIGUEL (*batendo-lhe na face*). — Ladrão feliz. Deixa ver a carta.

JORGE (*receioso*). — Pois não! Para depois ires dizer aos rapazes no *Collegio das Artes*...

MIGUEL. — Estaes doudo! Segredo na minha bocca é pedra no mar. Deixa ver!

JORGE (*tirando a carta da algibeira*). — Está bem, eu leio.

MIGUEL. — Não, senhor; eu sou quem lê!

JORGE (*guardando-a*). — Pois leia!

MIGUEL. — Leia; leia, *seu* teimoso!

JORGE. — Eu cedo, *seu* turbulento! (*dá-lh'a*)

MIGUEL. — (*lê*). — “Meu *chique-chique*”. (*fallado*) Que linguagem! (*lê*) “Em ver teu rosto fiquei toda enamorada!” (*fallado*) Está douda, não tem que ver! (*lê*) “Assim que te avisto fico logo tremendo... parece-me que isto sam amores!” (*fallado*) Sam sezões!

(*lê*) “Quando passas pela minha porta... com o teu chapéu de *banda*, fumando o teu cigarro, pareces-me um deus... Bacho!”

JORGE. — Ahi tem — Bacho?

MIGUEL. — Tem — Cupido; mas eu te acho mais parecido com Bacho! Demais Cupido não fumava cigarros!

JORGE. — Nem punha o chapéu á *banda*, mas é o mesmo; continúa.

MIGUEL — La vae. (*lê*) Si queres casar *comigo*, pede *minha mãe!*... “(*rindo*), Ah! ah! ah! (*fallado*) Está interessante!

JORGE (*rindo*). — Falta um *a*; ella quer dizer: *pede á minha mãe!*

MIGUEL (*lê*). — “Não posso ser mais *extenca!*”

JORGE — Quer dizer — *extensa!*

MIGUEL (*lê*). — “Adeus, meus affectos; não mostres a ninguem estas expressões” (*fallado*) Que grandissima tola! (*lê*) “Tua futura e amada — *a mesma*”. (*rindo*) Ah! ah! ah! Muito interessantes sam essas cartas amanteticas! (*dá-lhe a carta*) Toma; guarda la o teu thesouro. Pode-se saber quem escreveu isso?

JORGE. — Uma menina muito *chique* ... *chiquissima!*

MIGUEL — Então vale a pena a massada!

JORGE. — Escuta: (*canta*)

#### COUPLET.

Ess'anjo tem faces roseas,  
Tem labios cor de carmim,

— É um casto seraphim,  
Que á terra — dos céus baixou!

MIGUEL (*o mesmo*)

Por muito bella...  
Que seja ella...  
Essa donzella  
Que é teu encanto;

Não se compara  
Á deusa cara,  
De feição rara,  
Que adoro tanto!

JORGE (*o mesmo*)

É mais formosa...  
É mais airosa...  
É mais mimosa...  
Que a tua amada!

— Que porte airoso!  
— Que andar garboso!  
— Que olhar mimoso!  
Meu Deus! — Que fada!!!

MIGUEL (*o mesmo*)

A minha amada é um anjo...  
Uma huri... uma beldade...  
É uma pura deidade...  
Que minha alma fascinou!

JORGE. — Pois sim; dize o que entenderes, que eu direi o que quizer; cada um com a sua opinião. Ca por mim affianço que não pode haver fada mais seductora!

MIGUEL. — E eu juro que não é possível anjo mais encantador!

JORGE. — Está decidido.

### SCENA XI

Os mesmos e ALBERTO.

ALBERTO (*a Jorge*). — Veiu alguém procurar-me?

JORGE. — Até agora não.

MIGUEL (*a Alberto*). — Oh Alberto, nesta casa já não se come?!

ALBERTO. — Eu e Angelo já almoçámos.

JORGE e MIGUEL. — Onde?

ALBERTO. — No hotel Castiana; foi fiado, mas paga-se amanhã.

JORGE (*a Miguel*). — E nós até agora em — *jejum* —! Até nisso sam infelizes os *cascabulhos*!

MIGUEL (*a Jorge*). — Vamos ver si fillamos almoço... seja onde for!

JORGE. — Faze de tua parte, que eu te ajudarei. *Allons...*

MIGUEL. — *Faire une promenade, n'est ce pas?*

JORGE. — *Oui.*

ALBERTO (*a Miguel*). — Dás-me um charuto?

MIGUEL. — Só tinha um *vintem*, que comprei este.

JORGE (*a Alberto*). — Não te offereço porque não tenho; este fillei do amigo *Carôcha*.

MIGUEL (*a Alberto*). — Com tudo, si te queres servir...

JORGE (*o mesmo*). — Si te queres utilizar...

ALBERTO (*a ambos*). — Agradeço.

MIGUEL (*dando o braço a Jorge*). — *Allons nous en!* (*saem*)

### SCENA XII

ALBERTO (*só*).

Para onde iria o tal sargento? Pelos signaes que me deu Angelo, não pode deixar de ser o Sr. Procopio... o meu futuro cunhado. Quem sabe si meu pae já está informado da minha tractantice, e quer chamar-me ao cumprimento de meus deveres?! — É possível; mas tambem não é cousa que faça admirar, o elle mandar passar-me um *carão*, e prohibir-me formalmente de casar! Seria uma cousa muito cruel, mas não uma cousa impossível. Tudo receio de seu genio exquesito! (*reflectindo*) Angelo diz bem; devo casar, inda mesmo que meu pae se opponha! Depois, elle será o primeiro a dar-me razão, e a perdoar-me! (*sofrego*) Mas que é do sargento? Que é de Angelo?

### SCENA XIII

ALBERTO E ANGELO

ANGELO. — Numero 23 está presente!

ALBERTO. — Encontraste o Procopio?

ANGELO. — Encontrei. — Olha que suei, meu amigo! Apenas me viu, deitou a correr, como si tivesse visto... o *droga*, como diz elle! Eu segui-o a gritar com todas as forças: espere! attenda! escute! ouça! — Foi peor, cada vez corria mais. Finalmente, já cansado, entrou n'um armazem de sal, foi então que consegui fillal-o.

ALBERTO. — Trouxe notícias de meu pae, de Roza?

ANGELO (*tirando, e dando-lhe uma carta*). — Aqui está o *noticiario*; a *redacção* é de teu pae.

ALBERTO (*lendo a carta*). — “Meu filho, minha benção te cubra. Estou informado de toda a tua *pelintragem*; fizeste *das tuas*, ás escondidas... sem me participar!... Assim devia ser; — eu não sou pae... não sou nada... sou uma figura de papelão... que não vale uma pitada de simonte!” (*fallado*) Meu bom pae! (*lido*) “Estava jantando muito descaçado, quando me *entrou pela porta a dentro* uma galante rapariga, com uma creancinha nos braços e caiu-me aos pés, pedindo que lhe valhesse.” (*fallado*) É ella (*lido*) “Nem pude mais comer, porque estas cousas só me dam fastio! Fil-a sentar, e ella confessou-me toda a tua *maroteira*, como si fosse ao padre mestre vigario!” (*fallado*) Coitada! (*lido*) “Na mesma hora em que sube da *tramóia*, mandei buscar toda a familia della, de maneiras que tenho gente em casa que é *aquella miseria*! No outro dia baptisei... mandei baptisar a creança, e *prantei-lhe* o nome de Alberto. Pois que nome lhe havia eu botar? E agora la vae o Procopio... o teu cunhado Procopio dizer-te que te apromptes para o casamento; elle leva dinheiro para isso, e eu, amanhã ou depois *arrebento* por la com a *canzoada* toda, que é *aquella desgraça*! Eu ca sou decidido. Fizeste mal á rapariga, has de casar! Chegando la de tarde, quero o casamento de noite; — eu sou *meio-maluco*! Com dinheiro tudo se arranja!” (*lendo para si*) “Umm... umm... umm...” (*alto*) “Acceita lembranças dos conhecidos, os moleques te pedem a benção. Teu pae que te estima, etc.” (*dobrando e guardando a carta*) Oh meu excellente pae, eu t’o agradeço! (*pegando no chapéu com alvoroço*) Até logo, Angelo. (*saindo*)

ANGELO. — Si vier o Procopio?...

ALBERTO (*voltando*). — Ah! é verdade. Da-lhe ahi um quarto... fal-o descaçar, que eu já volto. (*sae*)

#### SCENA XIV

ANGELO (*só; vendo sair Alberto*)

Como está contente o Alberto! Magnanimo coração! (*olhando para as cadeiras*) Mas, em que estou eu pensando? É preciso limpar essa *elegante* mobilia; a Roza chega breve, e é necessário que esta casa pareça um *jardim*! Vamos a isso. (*pega n’um palitot e principia a espanar com elle as cadeiras*)

#### SCENA XV

#### ANGELO E PROCOPIO

PROCOPIO (*cumprimentando*). — Viva, seu doctor.

ANGELO. — Senhor sarjento, viva.

PROCOPIO. — Entregou a carta a *seu* doctor Alberto?

ANGELO. — Entreguei, sim. O senhor fica com nosco, tem ali aquelle quarto, que está desoccupado. (*mostrando o quarto da D.*) Quando quizer descaçar...

PROCOPIO. — Está conforme.

ANGELO. — Participo-lhe que nós — estudantes — somos inimigos das senhoras ceremonias e etiquetas. (*vendo-o de pé*) Porque não se senta?

PROCOPIO (*sentando*). — Immediatamente.

ANGELO. — É um adverbio.

PROCOPIO (*sem perceber*). — Como?... Infalivelmente.

ANGELO. — Outro!

PROCOPIO. (*o mesmo*). — Justamente.

ANGELO. — Mais outro!

PROCOPIO (*enfado*). — Que diz *vossenhoria*, que eu não entendo?

ANGELO. — Digo, que — *imediatamente, infalivelmente e justamente* sam adverbios.

PROCOPIO. — Entendo; por *inzempro*: tenente, e tudo que acaba em ente?!

ANGELO (*rindo*). — Tal qual.

PROCOPIO. — Eu, á primeira vista, pareço assim... um bruto, *mas porem* tenho *labutado* com muita gente de *gruvata lavada*! *Vossenhoria* *havéra* de *coidar* que fallava com algum *inguinorante*?!

ANGELO (*rindo*). — Essa é bôa! — *Judico Procopium esse sapientem*!

PROCOPIO (*enfado*). — Que *droga* de *ingrisorio* é este?

ANGELO. — Não é *ingrisorun*, é *latinorum*; mas como não o entende, veni traduzil-o ao pé da letra: Julgo que Procopio é sabio!

PROCOPIO (*enfatuado*). — Muito obrigado!

ANGELO. — Sr. Procopio, desculpe-me; eu vou ali á rua da Imperatriz, e volto ja.

PROCOPIO. — Pois não! Eu ca não sou de *intiquetas*.

ANGELO. — Tem ahi jornaes e livros para se ir intretendo, (*pondo o chapéu*) *Á tantôt*.

PROCOPIO (*alheio*). — O que?

ANGELO. — Até logo.

#### SCENA XVI

Os mesmos, JORGE, MIGUEL e diversos estudantes.

ANGELO (*baixo, aos personagens que entram*). — Tomem conta daquelle *Mané Zé*.

JORGE. — Deixa estar.

MIGUEL. — Como se chama?

ANGELO. — Procopio.

MIGUEL (*para Procopio*). — *Bon jour, monsieur*.

PROCOPIO. — Dirige-se a mim? — Eu não fallo *ingueuez*!

MIGUEL. — Bom dia, senhor.

PROCOPIO. — (*rusticamente*). — Viva.

MIGUEL. — O senhor é que se chama Procopio?

PROCOPIO. — Justamen... (*emendando-se, á parte*) *Vôte!* Ia caindo outra vez no *droga* dos adverbios! (*alto*) Senhor sim.

MIGUEL. — Pois, Sr. Procopio, eu tenho muitíssima satisfação em conhecer a *illustrissima, reverendissima, e eminentissima* pessoa de vossa *excellentissima* senhoria!

TODOS (*rindo*). — Ah! ah! ah!

JORGE. — Pudéra não! O senhor Procopio é nm bello homem, um militar valente...

PROCOPIO (*interrompendo*). — É um *adverbio!*

TODOS (*rindo*). — Ah! ah! ah!

MIGUEL (*aos estudantes*). — Meus senhores, tenho a honra de apresentar-vos o Sr. Procopio *Adverbial* Fedegoso Quadrupede Rabudo das Cabaças.

TODOS (*rindo*). — Ah! ah! ah!

PROCOPIO (*á parte*). — O *badameco* quer fazer de mim — seu *gato-sapato*. Ah *ridico!* (*alto*) Seu estudante de *meia tigela*, vossê falla muito, *mas porem* só diz asneiras! É um *bôbo*... um *cascabulho!*

TODOS (*rindo*). — Ah! ah! ah!

PROCOPIO. — Aposto que vossê não tem *corage* de brigar comigo!

MIGUEL. — Deus me livre de tal! — Brigar com um Hercules!

TODOS (*rindo*). — Ah! ah! ah!

PROCOPIO (*á parte*). — Ja estou desconfiando da *pixilingança* e levo tudo a *pano* de *bonêta!* Desgraça pouca é *bobage!* Si elle me dirige mais alguma *xêta*, estamos pegados!

ANGELO (*á parte, a Miguel*). — O matuto falla só, é signal de que está zangado!

MIGUEL (*o mesmo, a Angelo*). — Vou acalma-lo. (*alto*) Estaes doudo, homem! Pois o Sr. Procopio hade levar a mal uma simples caçoada?

PROCOPIO. — De certo que ja ia me *arrenegando*, *mas porem* si foi caçoada, *sêje!*

MIGUEL. — Para nos provar que não desconfiou, deve fazer-nos um obsequio.

JORGE. — Hade dançar um *bahiano!*

MIGUEL. — Apoiado.

ANGELO. — Não apoiado. O Sr. Procopio chegou hoje do mato, está enfadado, *ergo* não pode dançar!

PROCOPIO. — Apoiado.

ANGELO. — Concorde que se cante.

JORGE. — Não apoiado.

ALGUNS ESTUDANTES. — Apoiado.

ANGELO (*gritando*). — Á ordem! Os senhores que sam de opinião que se cante, tenham a bondade de sentar-se. (*sentam-se todos, á excepção de Jorge*) Passou. (*levantam-se*).

JORGE. — Dou-me por vencido; mas quem hade cantar?

OS ESTUDANTES (*á uma voz*). — Angelo.

ANGELO. — Está feito; mas ham de dar licença que escolha...

TODOS. — Apoiado.

ANGELO (*a Procopio*). — Vamos cantar a “Nossa vida”; a poesia é minha, a musica é do Maestro Colás.

PROCOPIO — E eu também canto?

JORGE. — E por que não?

PROCOPIO. — Por que não sei esta *chula*.

MIGUEL. — É muito facil. O senhor cantará no côro.

PROCOPIO (*á parte*). — No côro! (*olhando para o tecto*) Mas aqui não é igreja!

ANGELO (*tossindo*). — Prompto. (*canta*).

#### COUPLET.

Esta vida de estudante  
Não é ma;

Quem ser doctor não aspira  
Doudo está!

TODOS (*o mesmo, menos Procopio*)

CORO

Vinho, charutos e moças  
Sam desta vida os encantos;  
Merecem nossos encomios,  
Nossas palmas, nossos cantos.

MIGUEL (*a Procopio*). — O senhor não canta?

PROCOPIO. — Já chegou a minha vez?

MIGUEL. — Pois não lhe disse que o senhor cantava no côro?

PROCOPIO. — A dar-lhe com o côro! (*á parte*)  
Os côros aqui não sam como no mato!

MIGUEL (*a Procopio*). — Quando for ocasião eu lhe aviso.

PROCOPIO. — Está dito.

JORGE (*a Angelo*). — Continúa.

ANGELO (*canta*)

COUPLET

Oh! como é bella esta vida  
De estudante!  
A vida do *cafageste*  
É massante!

MIGUEL — (*puchando pelo braço de Procopio*).  
— Agora.

TODOS (*cantam*)

CORO

Vinho, charutos e moças  
Sam desta vida os encantos;  
Merecem nossos encomios  
Nossas palmas, nossos cantos.

ANGELO. — Não me recordo do resto.

JORGE. — É pena, porque a musica é excellente!

ALGUNS ESTUDANTES. — E a poesia não é ma.

ANGELO (*modesto*). — Oh! senhores! *tant d'honneur pour moi!*

MIGUEL (*a Angelo*). — Nada de modestia.  
*Sum quique tribuere!*

ANGELO. — Não *admitto* lisonjas, antes *admitto* que me deem um charuto.

OS ESTUDANTES (*á uma voz*). — Não ha!

PROCOPIO (*a Angelo*). — Eu não *gasto*, senão.

ANGELO (*dispondo-se a sair*). — *Au revoir*.

JORGE. — Onde vás?

ANGELO. — Comprar charutos e alugar um creado; temos muito hospede em casa; ali o senhor, (*indica Procopio*) meu pae que chega breve; o pae de Alberto...

MIGUEL. — Jesus! Quanta gente!

ANGELO. — D. Rosinha, irmã ali do senhor... (*indica de novo Procopio*)

JORGE (*olhando para Procopio*). — A irmã do senhor?!

ANGELO. — E futura consorte de Alberto.

TODOS (*menos Procopio e Angelo*). — De Alberto!

ANGELO. — Nosso amigo e companheiro.

PROCOPIO (*á parte*). — De que se espantam elles?  
*Amóde* que nunca viram casar um *home* com uma *mulhé!*

ANGELO (*que tem estado a conversar baixo com os companheiros, em quanto Procopio falla*). — Logo saberão do resto; por ora é segredo. (*saindo*) Serei breve.

### SCENA XVII

Os mesmos, menos ANGELO

MIGUEL (*a Procopio*). — Com que, a senhora sua irmã vae casar, hein! Dou-lhe os parabens.

OS ESTUDANTES (*gradualmente*). — Parabens.

PROCOPIO. — *Não ha de que!*

MIGUEL (*a Procopio*). — Eu também vou casar breve.

PROCOPIO. — Breve?

MIGUEL — Logo que me formar.

JORGE (*aos estudantes*). — E elle diz — *breve!*

PROCOPIO. — Si a moça é bonita...

MIGUEL (*com indifferença*). — Um... Assim!  
É *sympathica!*

PROCOPIO. — *Sympaquita?! Pois eu tambem pertendo casar, mas porem é com uma moça bonita — mesmo na orde!*

MIGUEL. — Não obra com juiso. Eu lhe explico:  
(*canta*)

### COUPLET.

Todo o homem que casar-se  
Com rapariga bonita,  
Tome cuidado, que em casa  
Não lhe hade faltar visita!

PROCOPIO (*o mesmo*)

Mas si o *home* não for *bôbo*,  
Der pancada todo o dia,  
Logo si some a visita,  
E fica a casa *vasia!*

MIGUEL. — Pois eu, meu amigo, tive educação francesa, não gosto de dar pancadas.

PROCOPIO. — Qual educação! Pois eu heide casar com *mulhé* feia por *via* dos outros? — Vae-te pedra!

JORGE. — A's vezes assim é necessario!

PROCOPIO. — Não tomo nada! (*batem á porta*)

JORGE (*a Miguel*). — *On a frappé.*

MIGUEL. — Entre quem é.

### SCENA XVIII

Os mesmos e BARNABÉ

BARNABÉ (*aos estudantes*). — *Vossenhorias* sabem me informar si aqui é que anda morando... nesta casa... *seu Angelo*, que *fraquenta a escola dos estudantes?* Porque eu tinha uma *negociada* muito importante com elle, por *via* da pessoa do pae delle, intendem os senhores?

MIGUEL. — *Parfaitement*. Angelo saiu ha pouco, o que pretendia delle?

BARNABÉ. — Eu vinha pedir-lhe um favor que, p'ra bem dizer, não é favor.

PROCOPIO (*a Barnabé*). — Veja em que se *apéga!*

BARNABÉ (*a Procopio*). — Não *sêje intremettido!* (*a Miguel*) Mas porem como ia contando...

JORGE. — Si não é favor, pode ser que elle o faça, porem si é não o faz!

BARNABÉ. — É que elle deve-me um dinheiro...

MIGUEL. — Não é o senhor a primeira pessoa que diz isso!

BARNABÉ. — (*aos estudantes*). — Senhores, ouçam-me. Os senhores parecem-me pessoas de *avultada* capacidade! — Um dia chegou á minha tenda o pae d'esse *joven mancebo*, pedindo que eu lhe fiasse um par de *brusegues* para esse *cujo* filho, que andava *quagi* com os pés na arêa. Eu sou sapateiro, não nego; mas porem sou *cabra de acção* e credito *valumoso*, tanto nesta praça, como la em *riba*, nos matos. Tive pena do *intrac-tante*, e *zás!* — fici-lhe os *brusegues*. Encaminhei-me, dahi a tempos, para a casa do *sobredito mencionado* pae, por que nunca mais lhe vi a *phynosomia*, e elle disse que fosse no outro dia; fui no *outro dia*, e elle adiou o pagamento para o *outro dia*, e assim *labatei* dous mezes, indo la todos os dias, e o *cambumba* dizendo sempre: venha *amenhã!* Ah! que si houvesse *orde* para se infor-car todos os velhacos, ha muito *do tempo* que o filho *havera* de ter botado luto pelo *cadaver* do *defunto* pae!

MIGUEL. — Senhor, attenda que está em nossa casa; não continue a insultar o nosso collega, nem o seu honrado pae, do contrario... (*mostrando-lhe a saída*)

BARNABÉ. — Botam-me na rua? Não morro de frio! — Seu honrado pae!! — (*mofando*) Ah! ah! ah! só si é agora. Um *home* honrado não pratica *semelhanças* destas!

JORGE. — Continúa?!

OS ESTUDANTES. — É insolencia!

PROCOPIO. — E muita! (*á parte*) Tomára que haja *rôlo*, que eu quero tirar meu quinhão!

BARNABÉ (*serenando*). — Está bom, não *percisa rusga*; eu só cobro o dinheiro porque careço. (*á parte*) Eu, o que merecia, era levar muito *do pau*, para não me metter com estudantes! — Que gente *zarra!*

## SCENA XIX

Os mesmos e ANGELO

ANGELO (*a Barnabé*). — Como está, Sr. Barnabé? (*á parte*) Que mau encontro!

JORGE. — Ah! o senhor é que é Barnabé, aquelle celebre Barnabé tão decantado?

BARNABÉ (*a Jorge*). — Tambem quer tomar *barrigada*?

MIGUEL. — Na barriga merece vossê que eu lhe *pespegue* uma cabeça!

BARNABÉ (*á parte*). — Eu apanho *quinem boi ladrão*, mas porem eu brigo com esses *barbêlos!*

PROCOPIO (*aos estudantes*). — *Home*, seu *Barnabé* não parece aquelle sapateiro do entremez — *Uma mulhé por duas horas?*

TODOS (*rindo*) — Exactamente.

BARNABÉ (*a Procopio*). — Também vossê, *bôbo*... calunga de sombra?

PROCOPIO (*mostrando-lhe a baioneta*). — Tendeiro, dirija-se!

BARNABÉ (*a Procopio*). — Vossê come besouro, matuto? (*a Angelo*) Olhe, eu vim pedir-lhe que me pague aquella menor *quantilha*, que *vosmincê* não *inôra*.

ANGELO (*á parte*). — Aqui não ha remedio se não negar! (*alto*) Sr. Barnabé, *res, non verba*; — factos, e não palavras! Prove como lhe devo!

BARNABÉ. — O que!? Pois quer negar que me deve um par de *brusegues*, que vendi fiado ao ladrão de seu pae?

ANGELO. — Miseravel! (*parte para elle, os companheiros agarram-n'ô*).

TODOS. — Á ordem!

BARNABÉ (*á parte*). — La vae tudo *pulos ares*! (*alto*) Vem *intractante*!

ANGELO. (*seguro, medindo-o*). — Desgraçado, *miseret me tui*!

BARNABÉ. — Qual *tui*, nem meio *tui*! Pensa que me paga os *brusegues* com suas *francesias* improvisadas? Não é com essa!

## SCENA XX

Os mesmos e ALBERTO

ALBERTO. — Que é isto, meus senhores?

BARNABÉ. — É esse *home*, que me devendo seis mil e oitocentos de um par de *brusegues* que vendi

fiado, teve a *corage* de negar a divida! Mas porem só si eu não encontrar o ladrão do pae!

ANGELO (*luctando por soltar-se das mãos dos estudantes*). — Infame!

ALBERTO (*a Barnabé*). — Alto lá! O senhor tem o direito de cobrar sua divida, mas não o de insultar!

PROCOPIO (*a Barnabé*). — Nós podiamos *espatifal-o em postas*!

ALBERTO. — Não ha trocos miudos, por ora; appareça mais tarde, que será pago.

BARNABÉ (*rediculisando*). — Mais tarde! — Já estou enfadado de cobrar essa divida tão *disminuta*!

ANGELO (*luctando ainda*). — Larguem-me, que quero ensinar este trapaceiro!

BARNABÉ (*á parte*). — A cousa está feia!

ANGELO (*largando-se das mãos dos companheiros*). — Tractante! (*agarr-o e deita-o por terra, encostando-lhe o pé na barriga*)

BARNABÉ (*querendo levantar-se*). — Vossê me paga esta, velhaco.

ANGELO. — Levante-se, que não dou em homem deitado! (*Barnabé levanta-se, Angelo joga com elle a capoeira*)

OS ESTUDANTES (*apasiguando*). — A' ordem! á ordem!

BARNABÉ (*apanhando*). — Eu ca sou *home*!

ANGELO (*dando-lhe uma cabeçada*). — T o m a , birbante!

BARNABÉ (*torcendo-se*). — Ai! oi! ui!

PROCOPIO (*á parte, rindo*). — Gostei home! Esta foi de mestre!

BARNABÉ (*fugindo de Angelo*). — Deixa estar, patife; heide publicar por todas as *paragens* d'esse immenso *Rucife*, que seu Angelo é um ladrão, e seu pae é outro!

ANGELO (*persequindo-o*). — Maroto!

PROCOPIO (*dando uma encapelação em Barnabé*). — Eu quero meu quinhão! (*Barnabé foge pela porta do F. no meio de muitos assovios e gargalhadas: tremenda pateada*)

## SCENA XXI

Os mesmos, menos BARNABÉ

ANGELO. — Obrigado, meus senhores, pelo serviço que me prestaram!

PROCOPIO (*indo á porta do F. e observando*). — O droga do sapateiro corre *quinem* um cavallo!

ALGUNS ESTUDANTES. — Foi bem castigado!

OUTROS. — Merecia-o.

PROCOPIO (*á parte, olhando para Alberto*). — Eu vou a elle, está dito! (*aproxima-se*) *Antão*, seu doctor, *vossenhoria* recebeu a carta que lhe *truve* de seu pae? Casa, ou quer passar por um ingrato? (*os demais personagens conversam baixo durante este dialogo entre Procopio e Alberto*)

ALBERTO. — Sr. Procopio, não se atreva, um só momento a contemplar-me ingrato. Aquillo foi uma simples brincadeira, não tenha susto.

PROCOPIO. — Obrigado, seu doctor; muita cousa tenho que lhe contar!

ALBERTO. — Logo conversaremos a respeito della... de Roza.

## SCENA XXII

Os mesmos e JOÃO MANOEL, (*que entra precipitadamente, agarra Angelo pela abertura, levantando o chicote para dar-lhe*)

ANGELO. — Que é isto, meu pae?

TODOS. — Que faz, senhor! (*seguram-lhe o braço*)

JOÃO MANOEL. — Deixem-me deixem-me! Quero castigar este insolente. Estou *desesp'rado*, estou *damnado*!

ANGELO (*querendo abraçal-o*). — Meu pae...

JOÃO MANOEL (*empurrando-o*). — Sae d'aqui! (*ameaçando-o*) Eu te arrebento! (*n'outro tom*) Pegue na trouxa, vamos p'r'o *brejo*!

ANGELO (*submisso*). — Para que, meu bom pae?

JOÃO MANOEL (*colerico*). — Não me pergunte... não me responda... não me chame bom! (*ameaçando-o*) Eu te escangalho!

ALBERTO. — Espere, senhor; deixe-me fallar!

JOÃO MANOEL. — Está enganado. Quem falla sou eu, que tenho mais *dêreito*. (*com authoridade*). — Olhe, que eu sou pae!

ANGELO (*á parte*). — Que *sensibilidade* de meu pae!

JOÃO MANOEL (*a Angelo*). — Hein! O que é que diz? — Não me resmungue! (*agarra-o pela gola*) P'lintra, eu estou *desesp'rado*! Eu te corto todo com este chicote! Eu te faço em *fatilhas*!

ANGELO (*acariciando-o*). — Meu pae... (*á parte*)  
Elle vae-me ao pello, sou capaz de jurar!

TODOS (*a João Manoel*). — Accommode-se senhor!

JOÃO MANOEL. — Que me accommode!

PROCOPIO (*a João Manoel*). — *Vosmincê* é muito  
*queimado!* Não respeita a pessôa nenhuma!

JOÃO MANOEL (*descobrando-se*). — Os senhores  
desculpem a minha brutalidade; *mas porem* eu estou  
*saffocado* com este filho do *droga!*

MIGUEL. — Ouça-o primeiro; talvez não seja cul-  
pado!

JOÃO MANOEL (*acalmado*). — Está bom; quero  
sempre mostrar que tive *criação*. (*a Angelo*) Justifique-  
se. — Tem a palavra, — como se diz la na *Cambara*.

ALBERTO (*adiantando-se*). — Eu peço com ur-  
gencia.

JOÃO MANOEL (*a Alberto*). — Tem a palavra.

ALBERTO. — Sr. João Manoel, seu filho, outro-  
ra, andava continuamente nos bailes, nos botequins, etc.  
Disso resultou desacreditar-se *um pouco*, e o que mais  
é, dever *alguma cousa*; porem lembrando-se de vossa  
senhoria, de sua mãe, de seus irmãos, da sua posição e  
do seu futuro, tem seguido outra vida muito differente,  
e é hoje querido de todos!

JOÃO MANOEL. — *Seu doctor, vossenhoria* não  
entrou na *questão*. O que mais me afflige e *desaspera*,  
é este patife ser ainda *cascabulho*, e me ter enganado,  
dizendo que era *calouro!*

ALBERTO. — Sr. João Manoel, eu lhe afianço  
que seu filho está no primeiro anno da Faculdade de  
Direito.

JOÃO MANOEL (*assustado*). — Que *faculdade*,  
senhor! Eu queria la meu filho em *faculdades?! (em*  
*desespero)* Esta não se aguenta! Um *home* gasta di-  
nheiro para botar seu filho na Academia, e o *droga* do  
filho — *pan!* — entra na *Faculdade!* (*os estudantes*  
*riem*) *Home*, esta só pelos *drogas!* (*afflicto*) Diga-me,  
*seu doctor*, que *bobage* é esta de *Faculdade?*

ALBERTO (*rindo*). — Faculdade de Direito é a  
mesma Academia, Sr. João Manoel.

JOÃO MANOEL (*receioso*). — Isto será certo?

TODOS (*menos Procopio*). — É verdade.

JOÃO MANOEL (*a Alberto*). — Obrigado, *seu*  
*doctor*. (*apertando-lhe a mão*) *Vossenhoria* me tirou  
de um *engasgo enorme!* La com as dividas não dou ca-  
vaco, uma vez que elle está emendado; pago tudo, porque  
só gosto de dever minha *arma* a Deus!

ANGELO. — Então, meu pae, não me deita sua  
benção?

JOÃO MANOEL (*dando a mão, que elle beija*).  
— Tens *resão* meu *calouro*. Dá ca um abraço. (*abra-  
ça-o*).

ANGELO. — Meu bom pae!

PROCOPIO (*rindo parvamente*). — Eh! eh! eh!  
Elles como sam amantes, um do outro! Gosto disso,  
*home*.

JOÃO MANOEL. — Disseram-me uma *rhuma de*  
*bobéas*, e eu *acarditei*, *coidando* que inda eras *casca-  
bulho!* *Mas porem*, com tudo, foi bom eu *vim*, por que  
*truve um dinheirinho* p'r'o meu *calouro*. (*da-lh'o*)

ANGELO (*beijando a bolsa*). — Isto é que se  
chama um pae excellente! (*olhando para a algibeira*)

Ha que tempos, esta casa não recebe um hospede tão nobre! (*guardando o dinheiro*) Rapazeada, é necessario solemnisar-mos esse dia tão propicio para nós!... Para todos nós, não digo mal; e si não temesse massar-vos com a minha prolixidade, eu vol-o provaria. No entretanto, deixae essa maldita misantropia, e bradae comigo: viva a *pandega!*

TODOS. — Viva!

ANGELO (*á parte, apalpando a algibeira*). — Com duzentas *raposas!* Estou com vontade de mandar buscar cerveja!

MIGUEL (*vae á mesa e tira da gaveta uma frauta, que dá a um dos estudantes*). — Toma, Serafim.

ANGELO. — *Jouez de la flute, s'il vous plait, monsieur.*

SERAFIM. — O que querem que toque?

JORGE. — Uma *schottisch*... uma *quadrilha*... tudo serve.

SERAFIM. — Uma *quadrilha*. (*preludia, enquanto os estudantes formam pares*)

ALBERTO (*a João Manoel e Procopio*). — Não dançam?

PROCOPIO. — Nós ca não sabemos isso; si fosse um *samba!*

JOÃO MANOEL. — Ficamos *aperciando*.

ANGELO (*depois de ter organizado os pares, batendo as palmas*). — Prompto. (*Serafim toca, os estudantes dançam; pouco depois assoma á porta do F. Barnabé, que bate as palmas; Serafim deixa de tocar, os demais estudantes deixam de dançar*)

## SCENA XXIII

Os mesmos e BARNABÉ

ANGELO (*encavacado*) — Quem bateu as palmas?

BARNABÉ. — Não foi ninguem, não; fui eu!

ANGELO. — E o senhor é o *par-marcante?*

BARNABÉ. — Qual *cantes!* Eu vim cobrar o meu dinheiro. (*reparando em João Manoel*) Seu João Manoel!

JOÃO MANOEL. — De que se espanta, seu *Barnabé?*

BARNABÉ. — Eu... (*á parte*) Temos *tramoia!*

ANGELO (*lembrando-se*). — Ah! é verdade; já me esquecia. (*a Barnabé*) Repita o que disse ha pouco.

JOÃO MANOEL. — O que foi que elle disse, Angelo?

ANGELO. — Disse... que vossa mercê era um ladrão!

JOÃO MANOEL. — Ladrão?!

ANGELO. — É verdade. Tel-o-hia castigado, si não attendesse a que — *adolescentis est majores natu vereri!*

JOÃO MANOEL (*a Angelo*). — Traduza, seu *calouro*, que eu não entendo *alamão!*

ANGELO. — “É obrigação do mancebo respeitar os mais velhos.”

JOÃO MANOEL (*á parte*). — Isto é que é *calouro*, o mais é *historia!* Maldita a hora em que eu quiz cortal-o de chicote! (*alto, a Angelo*) Fizeste bem, meu *calouro*; eu é que devo tomar *sastifação*. (*a Barnabé, agarrando-o*) Devo-lhe alguma cousa?

BARNABÉ (*tremendo á parte*). — Estou no *mangue!* (*alto*) Deve-me, sim, senhor; uma *tuteméa*... um par de *brusegues*.

JOÃO MANOEL. — Pois eu ja não lhe mandei pagar esse dinheiro?

ANGELO (*ao ouvido do pae*). — Eu o gastei, meu pae.

JOÃO MANOEL (*comprehendendo*). — Ah! *coitava* que o senhor ja estivesse embolsado; *mas porem*, como o almocreve não entregou a meu filho essa somma para dar-lhe... quanto é a *quantilha?*

BARNABÉ. — Seis mil e oitocentos.

JOÃO MANOEL (*dando-lhe dinheiro*). — Está pagado?

BARNABÉ (*á parte*). — Graças ás cabaças! (*alto*) Senhor sim!

JOÃO MANOEL (*mostrando-lhe a porta da rua*). — *Antão puche!* *Jamais nunca*, me chame ladrão, *vio?* *álias* eu lhe corto todo! (*dá-lhe*)

BARNABÉ (*fugindo*). — Oi! ui! (*sae*)

#### SCENA XXIV

Os mesmos, menos BARNABÉ.

PROCOPIO (*a Alberto, com quem tem conversado baixo*). — *De p'ra minhã* ella amanhecia chorando, *de p'ra de noite* anoutezia chorando. Fazia lastima! Eu tambem chorava, *mas porem* era porque não via *vosse-nhoria* la, para enxugar-lhe as *laguimas!*

ALBERTO. — Coitada! Devia emmagrecer muito!

PROCOPIO. — Muito; parecia um sipó. Agora

ella está *outra*; engordou com a alegria da *viage*, que foi uma *desorde!* *Vossenhoria* hade gostar de ver ella como está *fermosa!*

ALBERTO. — N'este *caso* eu me *caso!*

PROCOPIO. — E tem *resão!*

ALBERTO. — (*aos companheiros*). — Meus amigos, apresento-vos o meu cunhado e amigo. Caso-me breve, apenas chegar a minha noiva, que espero com a maior *impaciencia*...

PROCOPIO. — E que pouco pode custar a chegar, só si seu pae teve demora *pulo* caminho!

ALBERTO. — Convido a todos vós, para assistir-des ás bodas nupciaes. Aceitaes?

ALGUNS. — Ora, essa é bôa!

OUTROS. — E por que não?

ALBERTO. — Agradeço-vos sinceramente.

MIGUEL (*a Angelo*). — É necessario estar-mos attentos, para ver-mos quando chega o *comboy*, e fazer-mos a mais *affectuosa* recepção á noiva e ao pae do nosso amigo e collega.

ANGELO. — Rapazcada, *faites attention!* (*vae observar ao F.*) Mas esperem; la vem no fim da rua um *comboy*, será o que se espera?

ALBERTO (*abrindo a janella e observando*). — Exactamente.

JORGE. — Fallae no mau, prepara-lhe o cacete.

ALBERTO. — Vamos receber nossos hospedes na rua.

PROCOPIO. — *Vamos embora*; está dito! (*dispoem-se todos a sair*).

JOÃO MANOEL. — Escuta ca, Angelo, (*falla-lhe ao ouvido*)

ANGELO (*ao pae*). — Ja me ia esquecendo. (*aos estudantes*) Tenham paciencia; é um instante. (*vae ao proscenio e recita á platéa*) Respeitavel publico:

Apesar desta comedia  
Não valer o vosso apreço,  
Sêde indulgentes: dae palmas,  
Não a mim, que as não mereço!

É de escriptor mui novél  
A primeira producção;  
Peço-vos palmas p'ra elle,  
Em sinal de animação.

De pedir não me envergonho,  
Porque não peço p'ra mim;  
É bom pedir para os outros:  
Muita gente pensa assim.

Porem si sois generosos  
E nos daes palmas tambem  
Nós todos agradecemos,  
Que o fazeis p'ra nosso bem!

#### CORO FINAL

Nós todos agradecemos,  
Que o fazeis p'ra nosso bem!

(*todos os personagens formalisam-se á bocca da scena, cumprimentam o publico, e saem marchando a dous de fundo*)

CAE O PANNO.

#### CARTA CRITICA.

*Amigo Bessoni.* — Pedes-me que eu diga algumas palavras escriptas sobre a tua producção? Satisfaço-te.

Sei que faltam-me as devidas aptidões para o cabal desempenho de tão ardua, quão difficil tarefa; tarefa seria essa digna de reservares á justa apreciação de melhores criterios e ao facil resvalar de mais desembaraçadas pennas.

Todas estas razões, porém, valeriam muito pêso, si não as superasse a só consideração de que o pedido de um amigo sempre se me apresenta com os fóros de lei: não ha para mim objectar, nem tergiversar, quando a eloquencia de uma voz amiga se me faz ouvir; entendo assim e nem quero entender de outro modo.

Por isto, embora a consciencia me brade que essa missão excede a esphera e as proporções das minhas forças, ahí tens tudo quanto pude produzir e colher a proposito dos — *Estudantes do Recife*.

Por outro lado, como a presente carta não representa outra coisa sinão o fiel transumpto de uma conversação, que por ventura entretivessemos entre nós mesmos, bem ou mal elaborada ella não te dirá mais do que o, que poderia aquella dizer-te; é qual si nos achassemos, como em innumeradas occasiões, a emittir as nossas opiniões sobre tal ou qual obra litteraria, de que, depois das locubrações escolasticas, acaso nos occupassemos.

Dito isto em guiza de *introito*, *exordio*, ou como melhor nome haja, conversemos sobre a tua comedia; mas conversemos com todo esse *sans façon* da franqueza, que tanto me singularisa, franqueza aliás, que, embora venha á balha tratar-se sobre um estranho, embora sobre um amigo especial ou intimo, sempre me parece ter sido ostentada por mim com todos os seus laivos de *infallibilidade papal*.

Do imperfeito e *phosphorico* estudo que hei consagrado á escola dramatica portugueza, e, em menos amplitude, também á franceza, algumas idéas se me hão colligido em mente a respeito do drama; e, si bem que não caiba nas estreitas raias de uma *carta* a enunciação minuciosa de tudo quanto entendo poder dizer-se com relação a esse animado, poderoso e, por sem duvida, o mais bello ramo da litteratura moderna, não obstante, estou certo de que não levarás a mal que, ao menos, em succintos e ligeiros traços, expendam aqui o que sinto quanto a elle e de que modo o entendo, para sobre esse, embora debil fundamento, bazear o meu fraco juizo. É o que passo a realisar.

“A vida e só a vida — eis o drama” disse Alvares de Azevedo; e eu lhe sigo a opinião. A vida e só a vida em todas as suas diversas phases, encarada debaixo de todos os seus pontos de vista, peripecias e alternativas, ora vivida no torvelinho alvoroçado das danças, na paz domestica ou nos regozijos da mais santa e poetica felicidade, ora passada a gottejar-se em prantos doloridos, triste e pallida ao doer do soffrimento, das privações e da miseria, ora risonha, animada, laboriosa e emprehendedora, como nos fervores escandecentes da mocidade, ora tremula, friorenta, tibia e sem forças, como nos gelados cansaços da velhice — eis ahí o que eu entendo que um drama deve representar e exprimir, desnuda e simplesmente, em todos os seus modos de manifestação; nem mais, nem menos do que isto, por que a mais ligeira

e superficial alteração, no meu entender, adulteraria o especial character do drama.

É assim que, si algum dia me mettesse na pretensão de compor um drama, conforme o objecto ou a natureza do seu assumpto, eu figuraria no matuto ignorante e phrenetico dos sertões aquelle genio assomado, aquella sensibilidade exaltavel e insoffredôra do Bazilio do *Phantasma Branco*; e na madona de costumes austéros, conhecedôra do mundo da sua actualidade, aquella rispidez systematica e o desembaraço quasi varonil da *Galathéa*. Si privarem o *Othelo* da impetuosidade do seu sangue selvagem no rapido assassinio de Desdemona — a Veneziana, a scena ficará soterrada e o pensamento predominante tornar-se-ha incoherente.

Fiel interprete e espelho leal a reflectir os costumes das epochas, o drama deve ser conduzido de modo a não transviar-se da sua esphera de acção.

Sahir deste circulo traçado pelas proprias necessidades naturaes, a ponto de ataviar os personagens com roupas alheias é não comprehender a missão dramatica no seu expressivo da vida mundana; é querer, talvez, subir até aos dominios da poesia, imaginando ficções e pensando falsas idealidades, mas com o auxilio de “azas de Dedalo — na expressão do poeta dos vinte annos — cêra, que o sol derrete”: a expressão dramatica, dubia e mentirosa, será apenas o echo da confusão.

O drama, si bem que haja mister da poesia para os luzimentos e o realce dos episodios, não o precisa todavia em direcção a metamorphosear a realidade em ficção.

Deste modo, meu amigo, é que eu sinto que se deve proceder na confecção de um trabalho para a scena. A realidade sómente, mas a realidade manifestada com os vivos d’aquelle amor vehemente, e concentrado em suas proprias chammas, do Abumeleck da *Pobre das Ruínas*. Alli é que a imaginação do poeta devia fazer

sentir os adêjos da sua inspiração de genio, não para crear phantasias, porém para realçar e embellecer a pura realidade, ou para dar a ultima de mão ao painel, apenas em relêvo, com todo o brilhantismo de seus traços coloríficos.

Do que fica expendido já debes ter comprehendido qual seja a minha theoria sobre o drama. Portanto voltemos á tua producção e conversemos.

Debaixo do imperio d'aquella theoria os *Estudantes do Recife* se pode considerar, no meu entender, como um verdadeiro e feliz trabalho comico.

Não é uma composição desfigurada e pallida, semeada de inverosemelhanças e inexactidões, de que por ahí corre repleta uma innumeravel multidão de enxêrto de litteratura.

Tendo por fundamento da acção o Recife, por epocha a actualidade, por acto unico um *ubi* de estudantes — ella caracteriza, ao vivo, o que vai de melhor e mais apreciavel pela vida consuetudinaria d'estes, com os seus trastes desordenados, safados e desiguaes, com a atmospheria impregnada dos gratos aromas dos charutos, e com o tecto defumado, sob que resôa, ás mais das vezes, o estrepito das gargalhadas, em applauso ás chufas e aos espirituosos gracejos e epigrammas dessa *turba multa* das Faculdades. A naturalidade e o costume alli se acham harmonica e suavemente consiliados.

Quanto ao enrêdo, achei-o, simplissimo, porem verosimil: o dialogo corre entre os escolares natural e animadamente, entremeiado de locuções francezas, textos latinos, apreciações theatraes, rasgos amorosos, pateadas e queixumes; os personagens, em geral, são bem caracterizados e o seu porte é seguro. Sobre estes passo a dizer-te algumas expressões.

Procopio, o sargento de guarda nacional do mato, vestido e uniformisado á militança, *comme il faut*, é incontestavelmente o protagonista da comedia.

Foi, por sem duvida, meu amigo, no arranjo e no ataviar d'esse personagem que a tua habil penna revelou accurado esmero e bom gosto. É ahí que se vislumbra o sainête chistoso e penetrante d'essa tua penna, tão venturosa aos primeiros ensaios do seu perpassar ao papel na confecção de uma producção scenica, e que tão lisongeiros augurios vaticina á litteratura patria. Elle se pode considerar como o mais original perfil da tua obra, porque traduz fielmente o symbolo de um matuto brasileiro, estranho e reservado á polidez e á severidade dos costumes cortezãos: imagem natural, sincera e ingenua de um *roceiro* entre nós, elle se apresenta em scena despido de affectações e excessos, mas apenas trajado das suas vestes proprias.

Que bello character é esse!... D'entre todos os typos contidos na maior ou menor parte de trabalhos dramaticos brasileiros, não ressumbra, que eu saiba, um tão fiel, completo e perfeitamente acabado, qual o do sargento Procopio: resta-te, além de outras, esta gloria, ao meu entender.

Quem ao ouvil-o exprimir-se n'aquelle *idioma* tão original e desconhecido em scena, deixará de proromper em bravos espontaneos, sahidos a flux dos labios?!... Ninguem, por sem duvida; porque a homenagem prestada ao talento não pode ser asphyxiada, nem succumbida, por mais pertinaz que ao seu respeito se manifeste um reprovado egoismo, e por mais calculada que se lhe demonstre uma estúpida obstinação. Desejára minuciosamente assignalar-te todos os rasgos de belleza e gosto scenico, que ao meu imperfeito e restricto criterio foi permittido apreciar n'esse *chef-d'œuvre* dos *Estudantes do Recife*; mas esta vai longa e eu quero manifestar-te ainda alguma coisa sobre alguns outros personagens.

Depois do sargento Procopio, o, que immediatamente me parece succeder-lhe em importancia e merito é João Manoel, o lavrador, pai de Angelo, o caloiro *bon*

*vivant*. É, em phraseologia escolastica, um *segundo tomo* do Bazilio do *Phantasma Branco*, e que, ao meu ajuizar, em nada ficou àquem da criação do distincto litterato de Itaborahy.

De sangue afervorado, esquentado e remoinhante, qual o que deve revolver-se nas tumidas veias de um sertanejo de genio audaz e irritavel, aquelle seu entrar no palco sem *se fazer annunciar*, aquelle seu olhar de esguêlha para tudo quanto a bôa urbanidade encara de frente, aquelle pegar *ex abrupto* da golla do palitot de seu filho, que o não espera tão de chofre, e a quem a bom gosto chicotearia, (por estar muito *damnado* com o *seu caloiro*, como depois o chama, pela razão de lhe haverem dito que elle levava a vida á pelintragung e que não passava de um cascabulho) si os companheiros deste não o fazem depois convencer do contrario, tudo isso, meu amigo, constitue d'aquelle personagem um primoroso e bello typo, digno por certo de sinceros e mercedos encomios.

N'uma palavra, a criação do João Manoel só não rivalisa com a do sargento Procopio, em ser esta originalissima, emquanto que aquella já foi outr'ora de algum modo representada, como já disse, no Bazilio do Dr. Macêdo. Mesmo assim, me parece mais expressiva e fiel traductora das usanças da vida campestre e dos prejuizos sertanicos a tua animada personagem.

Um outro character que muito julgo recommendar-se á expectação e atenções publicas é o sapateiro Barnabé. Elle é do mesmo quilate e proporções que Procopio e João Manoel, de costumes rusticos e brutescos.

O seu apparecimento em scena concorre grandemente para o melhor realce da Comedia, porque dos seus labios rugosos e macilentos pendem tambem phrases de que resaltam muito pico e muito sal.

Parece-me, porém, meu amigo, que ter-te-hias mais avantajado na tua empreza litteraria, sinão para o vul-

gacho da platêa, ao menos para as conveniencias dramaticas e do gabinete, sinão houvesse uniformisado tanto esses tres caracteres entre si.

Sim, meu amigo, entendo que essa linguagem viciada e intercalada de barbarismos que principalmente aformosêam e fazem interessar a linguagem do sargento, mais e mais faria sobresahir o seu ridiculo e excentricidade, e consequentemente mais e mais mereceria as apotheeses do espectador, si ella não fosse articulada por mais de uma ou, quando muito, de duas boccas: aquella invariavel identidade no exprimir-se já do sargento, já do lavrador, já do sapateiro ao mesmo tempo, faz empallidecer e desmaiar, segundo penso, o lindo colorido do *particular idioma*, o qual incontestavelmente augmentaria de vulto e animação, si, como já aventurei, se deixasse apenas cahir dos labios de um só e mesmo personagem.

Quanto ás outras creações, nada proponho, porque não desejo tornar-me enfadonho e mesmo já estou um pouco fatigado de escrever. Só o que digo para ser ouvido por quem possivel fôr é que quem tiver occasião de ler os *Estudantes do Recife* faça um pequeno estudo sobre o correr da vida d'esses estudantes e depois conteste si por ahí percorre escripto algum dramatico em que mais detalhadamente se destingam as peculiaridades da vida escolastica.

Pelo que respeita á moralidade da acção, esta me parece incontestavel.

O consorcio de Alberto, quinto-annista de direito, com uma matutinha pobre, ignorante e rustica — segundo a presumpção do espectador deve suppor que seja aquella a quem elle rendêra o seu culto amoroso — a espontanea, inabalavel e imponente resolução tomada por esse velho, pai do *bacharel*, como uma justa e solemne satisfação á nodoa de ignominia, derradada por seu filho á frente casta de uma virgem pura e candida,

por quem seus pais estremeçam, é um bello e eloquente exemplo de sã moralidade, moralidade que mais se vigorisa e proporções adquire á medida que se penetrar que o pai de Alberto era *rico e orgulhoso*, palavras equipolentes de *poder absoluto e irresponsavel* no desvairedo intellecto da maioria da nossa moderna sociedade.

Estando prestes a concluir, em rigoroso cumprimento ao meu dever de critica e imparcialidade, não posso deixar de pronunciar-me contra a introdução, que admittiste, de diversos *couplets* na tua producção scenica.

Julgo que esse systema é geralmente seguido pelos comediographos modernos e com especialidade pelos comediographos portuguezes. Mas si, é verdade que tal acontece e quasi que em regra geral e invariavel, me parece não menos verdade que um tal systema não se pode deixar de considerar como attentatorio da natureza do drama, que não é sinão a descarnada expressão da realidade mundana.

Que se recitem no palco trechos italianos, francezes, latinos, versos portuguezes ou de qualquer lingua, que fôrem, que se cante uma moda ao piano, ou a um outro qualquer instrumento moderno para isto apropriado, nada será por certo mais verosimil e veridico. Mas que em scena se improvisem *couplets* e ao som da musica sejam cantados, como si tal permittissem os vêzos mundanos ou o costume da sociedade, é certamente ir de encontro ou transviar-se da rotina por onde se deve dirigir a acção do drama. Entendo deste modo: o personagem se demonstra com as qualidades de poeta? Faça e componha estrophes, improvise mesmo versos e recite-os ao publico, que desta guiza não fará mais do que representar uma das faces da realidade. Porém o que não posso admittir, o que me parece mesmo não pouco áspero a tolerar-se, é que de chofre o poeta se constitua em musico e em breve descanté em afinados e

dulçorosos sons a endeixa improvisada ha um momento. Isto é inverosimil e sobremodo inadmissivel! Um semelhante systema pecca por falso e inconveniente, e, como tal, me parece dever ser abolido da escola dramatica.

E quando todos os personagens exhibem as aptidões de poetas sem que taes sejam especialmente caracterisados, como acontece nos *Estudantes do Recife*, onde, abstracção feita de Barnabé, me parece que todos os demais improvisam e descantam versos?... É muito offender á verossemelhança!...

Á proporção disso, tambem não me parecem de bom effeito aquelles versiculos que o actor, como proprio actor, recita em *indulgencia á composição do autor novel*.

Nada, meu amigo; não me posso conformar com semelhante maneira de entender; porque creio que em scena o actor não desempenha sinão o papel que lhe foi confiado, isto é, em scena eu vejo nos comediantes os proprios personagens do drama, cujo desempenho a elles foi incumbido, e não *actores de uma companhia dramatica*.

Fico aqui, por ser sómente o que acima deixo expellido aquillo que foi-me possivel colligir e coordenar sobre a tua producção, que, não obstante, julgo ser um dos mais felizes trabalhos dramaticos brasileiros.

Recife, 6 de abril de 62.

Teu amigo

*Franklin Tavora*

A proposito da presente comedia, lê-se na Revista Diaria do Diario de Pernambuco, de 29 de novembro de 1861:

“Assistimos quarta-feira á estréa dramatica da chistosa comedia do Sr. J. A. Bessoni d’Almeida, em um acto e denominada — *Neste caso eu me caso*, — comedia que na verdade honra á classe á que pertence, quér pelo limado do trabalho, quér pelo bom gosto e aproveitamento com que o seu autor apanhou e descreveu a vida do estudante, desde o classico castiçal na bocca de uma garrafa até as colicas de sabbatina e desmazelos de casa e vida.

“De nossa parte saudamos ao nosso comprovinciano, e fazemos votos para que prosiga nessa senda, trilhada sob tão linsongeiros auspicios, como o provou a saudação espontanea da quasi totalidade dos que assistiam aos primeiros impulsos de um joven talento. O futuro brilhante dos homens de lettras no Brasil talvez não esteja longe, e, se persistir sempre trabalhando e procurando alcançar o apogeu da sciencia, auguramos ao Sr. Bessoni milhares de louros immarcessiveis”.